

ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA: UMA ESPECIALISTA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

Francisco de Oliveira Filho
UNICID-Universidade Cidade de São Paulo
fofilho2004@yahoo.com.br

Resumo:

Esse texto tem por objetivo, em primeiro lugar, trazer à luz um personagem, a professora Alfredina de Paiva Souza. Esta professora atuou no ensino e pesquisa em Matemática no Ensino Primário, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. O texto também apresenta e analisa uma das obras de Alfredina, procurando mostrar como o mesmo foi produzido. Como suporte teórico, foram utilizados os historiadores Roger Chartier (1991), com o conceito de Apropriação e, para análise do livro de Alfredina, as ideias de Alain Choppin (2004). Como questão norteadora a seguinte: Quem foi Alfredina de Paiva Souza e em que medida uma de suas obras tem caráter inovador? Foi possível observar o caráter inovador da obra de Alfredina e a consonância da mesma com o movimento escolanovista.

Palavras-chave: Livro didático; Aritmética; Escola Nova.

1. Introdução

Esse texto objetiva, em primeiro lugar, apresentar um personagem, uma professora de ensino primário que se dedicou ao ensino e pesquisa em Aritmética, e escrita de livros didáticos. Nesse percurso de formação da professora-pesquisadora há que se destacar a passagem e o trabalho dela junto ao Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Segundo Almeida, “Anísio Teixeira é o precursor da implantação dos Institutos de Educação no Brasil, tendo com a intenção de formar professores primários em Nível Superior, quando secretário da Educação no Distrito Federal (Rio de Janeiro)”. (ALMEIDA, 2013, p.39). Relativamente a Escola de Professores do Instituto, Almeida (2013) assim se posiciona:

[...] transformou-se num campo de experimentação e teste de novos métodos e teorias e de estudos da criança e adolescente cariocas, com o objetivo de levantar elementos para a constituição de uma ciência pedagógica, adaptada às condições brasileiras (VIDAL, 2001, p. 19, apud ALMEIDA, 2013, p.39).

Assim, inferimos que a passagem de Alfredina pelo Instituto teve importância em seu trabalho de educadora e de escritora de livros didáticos, frutos de apropriação da

professora dos estudos desenvolvidos no Instituto e de sua imersão no Movimento Escolanovista.

Em um segundo momento trazemos um livro da professora para apresentação e análise, objetivando mostrar como era sua produção didática. Como aportes teóricos utilizamos os conceitos de Apropriação de Roger Chartier (1991) e os estudos de Alain Choppin (2004) para a análise do livro didático. As questões norteadoras do texto são as seguintes: Quem foi Alfredina de Paiva Souza e em que medida uma de suas obras tem caráter inovador?

2. Quem foi Alfredina de Paiva e Souza?

Alfredina de Paiva e Souza foi uma professora primária, hoje Ensino Fundamental I, que se destacou em suas pesquisas em Aritmética, sendo considerada uma especialista em sua área de pesquisa e ensino. Segundo Almeida (2013), Alfredina nasce em Bom Jesus de Itabapoana, Rido de Janeiro, em 30 de agosto de 1905, tendo como pais, Alfredo Gomes de Souza e Maria de Jesus Paiva e Souza. Em 1923, termina a Escola Normal no Distrito Federal e, em 1932, ingressa no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 1941 conclui o curso de bacharel em Pedagogia e vai para os Estados Unidos, realizar curso de Metodologia da Matemática, no período de 23 de abril a 31 de agosto de 1952.

É preciso destacar que a entrada da professora Alfredina no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, pode ser considerado um dos fatores mais importantes para a carreira dela como professora e pesquisadora na área de Aritmética. Nesse ponto, julgamos ser importante trazermos a “fala” da pesquisadora Karina Pereira Pinto que em sua tese, assim se posicionou sobre a atuação da professora Alfredina e de outras professoras atuantes na Seção de Prática de Ensino do Instituto de Educação do Rio de Janeiro:

Alfredina de Paiva e Souza é, oficialmente professora-chefe da Seção de Matérias de Ensino; aos professores que ocupavam função na seção de Prática de Ensino e de Matérias de Ensino de Professores cabia a responsabilidade de delinear “a *marcha geral do ensino*” na Escola Primária do Instituto de Educação com uma “*séria unidade de objetivos*” e uma “*perfeita correspondência de ações*” (ANÍSIO TEIXEIRA, 1933, apud PINTO, 2006, p.112).

Ainda, segundo Pinto,

As professoras citadas vivenciavam o dia-a-dia da formação de professores e o cotidiano da Escola Primária do Instituto; eram

professoras como as que se pretendia formar: com capacidade de reflexão sobre a realidade educacional que as cercava, professoras que articulavam teoria e prática da maneira que se buscava com a formação pretendida no Instituto (PINTO, 2006, p.112).

As palavras de Pinto, foram por nós trazidas com o objetivo de enfatizar a especialização da professora Alfredina.

Almeida (2013) ainda reforça atuação de Alfredina no Instituto de Educação:

Assim, tendo o Instituto de Educação como um de seus objetivos e também produzir e divulgar pesquisas sobre educação, Alfredina, além de atuar como professora e catedrática do Instituto de Educação, divulga e aplica seus trabalhos de pesquisas. Para isso, produz manual de ensino e livros didáticos, além de apresentar, em artigos publicados, pesquisas desenvolvidas dentro do Instituto. Essas obras apresentam discussões e propostas relacionadas ao ensino de Cálculo e Aritmética e constituem fontes para a pesquisa que procura compreender a matemática na formação dada na Instituição (ALMEIDA, 2013, p.47).

Alfredina faz a publicação do manual “O Ensino de Cálculo na Escola Primária: Problemas Metodológicos¹” e o livro didático “Nossa Aritmética”, dividido em dois volumes, sendo um para cada ano do ensino primário, publicado pela Livraria do Globo em Porto Alegre (Almeida, 2013).

Nosso objetivo nessa introdução foi, de certa maneira, justificar a escolha da professora Alfredina para a escrita de nosso texto, mostrando um pouco de sua biografia e de sua atuação enquanto profissional, junto ao Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Agora passaremos a analisar uma das publicações da professora Alfredina supracitada. Trata-se do livro “Nossa Aritmética”.

3. Análise do livro “Nossa Aritmética”² – Alfredina de Paiva e Souza

Para a análise do livro utilizaremos como embasamento teórico os estudos do historiador Alain Choppin (2004), o qual distingue duas categorias para análise do livro didático: “Aqueles que, concebendo o livro didático como um documento histórico igual a qualquer outro, analisam os conteúdos em uma busca de informações estranhas a ele mesmo” (CHOPPIN, 2004, p. 554). O livro didático nessa situação será utilizado como uma fonte de pesquisa histórica. Nessa situação, voltaremos nosso olhar para o interior do

¹ Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116092>. Acesso em 05 de maio de 2016.

² Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/136382>. Acesso em 02 de abril de 2016.

livro didático, dirigindo questões do tipo: a quem se dirige a obra?; Quem eram os responsáveis por sua publicação?; Como se encontra em termos de apresentação?; Como está disposto o sumário?; O que diz o sumário?; Quantas e quais sessões? Quem é o autor?

No tocante à segunda categoria de pesquisa, Choppin assim se posiciona:

Na segunda categoria, ao contrário, o historiador dirige sua atenção diretamente para os livros didáticos, recolocando-os no ambiente em que foram concebidos, produzidos, distribuídos, utilizados e recebidos, independentemente, arriscamos a dizer, dos conteúdos dos quais eles são portadores (CHOPPIN, 2004, p. 554).

É a análise do livro como um produto, um produto que é, como nos fala Choppin, concebido, produzido, distribuído.

Iremos analisar o livro de Alfredina destinado ao 3º ano, disponível no repositório já citado.

3.1 Análise da estrutura externa do livro

Na análise da estrutura externa do livro procuramos verificar as características externas do livro: como é a capa, se tem prefácio, se tem bibliografia, e outras características externas.

A capa é bem acabada, boa apresentação, detalhes em cores. Aparece ser tipo “capa dura” (não tivemos acesso físico ao livro). Na parte superior, aparece o nome do livro, “Nossa Aritmética”. Na parte inferior, a frase “por Alfredina de Paiva e Souza”. Logo abaixo, “3º Ano” e abaixo a frase: “Edição da Livraria do Globo – Porto Alegre” (Fig. 1).

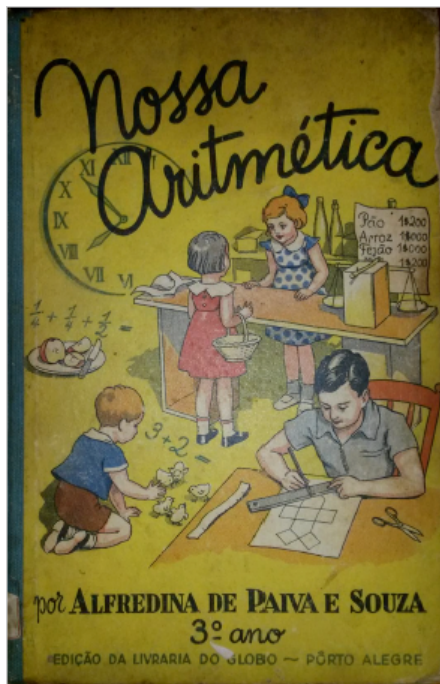


Fig.1

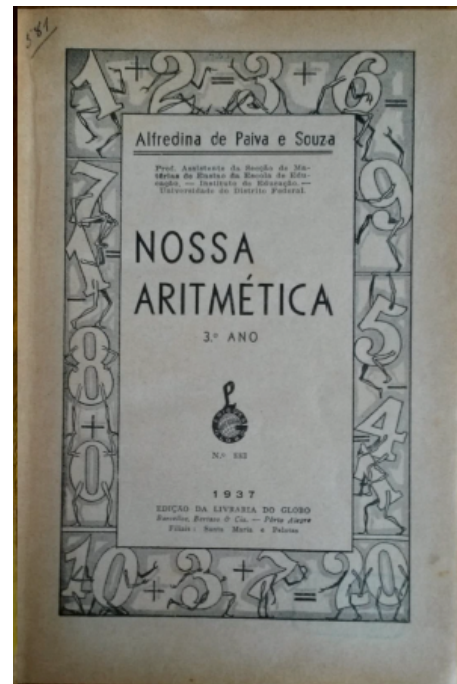


Fig. 2

(SOUZA, 1937)

No verso (Fig.2), uma página que complementa as informações da capa. Na parte superior, um pequeno texto com dados da biografia da autora: “Professora assistente da Seção de Matérias de Ensino da Escola de Educação – Instituto de Educação – Universidade do Distrito Federal”. Na parte central, o nome do livro e logo abaixo, dados mais completos sobre a Editora. O livro não apresenta prefácio, nem bibliografia.

Na contracapa (capa final), a referência ao Movimento da Escola Nova. Entendemos ser interessante aqui trazermos uma “fala” a respeito desse Movimento no sentido de posicionarmos a produção da autora dentro do que Choppin nos fala sobre a segunda categoria de análise dos livros didáticos, a qual citamos acima: “...recolocando-os dentro recolocando-os no ambiente em que foram concebidos, produzidos, distribuídos, utilizados e recebidos”.



Fig. 3

(SOUZA, 1937)

Trazemos agora a “fala” do professor Lourenço Filho, citado pela pesquisadora Martha Carvalho:

Depois do movimento filosófico da Renascença, apareceu a nova concepção de formação genética do espírito: nada está na inteligência que não tivesse passado pelos sentidos. Como consequência direta, o ensino de coisas, pelas coisas, o intuitivo. Quanto tempo levou a implantar-se? Séculos e séculos, e ainda não dominou todas as escolas. Do começo deste século para cá, essa concepção tende a ser substituída por outra, a de uma filosofia vitalista (além das impressões sensoriais há um *quid*, em cada indivíduo, que plasma as ideias a sua feição). *O próprio pensamento para essa escola é ação: ação reduzida, mas ação. Ação reduzida e sistematizada pela linguagem, mas atividade. Daí, como consequência, não se pretender ensinar mais tão somente pela ação das coisas, mas pela ação do indivíduo, único capaz de organizar o espírito solidamente, para o seu fim normal: dirigir a ação* (grifo nosso) (CARVALHO, 2000, p.116).

A longa citação acima descrita, a novo ver, se justifica uma vez que traz, de certa forma, um trajeto de modernização da pedagogia, sendo a primeira etapa, a chamada pedagogia “intuitiva” e depois a pedagogia escolanovista, cujas ideias grifamos na citação acima.

Ao final do livro, temos o índice do mesmo. O livro compõe-se de 190 páginas.

3.2 Análise da estrutura interna do livro

Nessa análise vamos “entrar no livro”, analisando os itens apenas citados na análise da estrutura externa (prefácio, textos de introdução, índice).

Na página após a capa e verso, traz um texto onde a autora convida os leitores, aqueles que utilizarão seu livro a participar do mesmo, tornando-se *sócios da publicação* (grifo nosso), chamando-os de “sócios colaboradores”, preenchendo seus dados. O “convite” é um texto denominado “Crianças de Minha Terra”. Nesse texto a autora diz que gosta muito das crianças e que gostaria de ficar perto delas. Explica que como o Brasil é muito grande, com muitas crianças, resolveu escrever esse “livrinho” para elas, mas quer que as crianças a ajudem a escrever o mesmo, tornando-se sócios. No final do texto, deixa o seu endereço, pedindo às crianças que escrevam para ela, se gostarem do livro.

A próxima página irá trazer um texto denominado “Meu sócio”. Nesse texto a autora explica aos leitores que deixou ao longo do texto “pontinhos” para que os leitores “completem” informações. Explica também que deixou páginas em branco para os leitores escreverem “coisas inventadas por eles mesmos”. Orienta que os desenhos devem ser “coloridos”. Pede que os leitores a avisem quando estiverem terminado a leitura, orientando para que façam tudo com capricho e “coloquem o nome na página 5”, como sócio colaborador.

O índice fica ao final do livro e compõe de 4 (quatro) páginas, da 187 a 190. Nossa intenção agora é mostrar alguns aspectos do Índice que podem nos ajudar a melhor entender a obra da professora Alfredina. Pelo que se pode perceber os itens do índice são todos precedidos por uma ação ou atividade e depois são discriminados os conteúdos que serão trabalhados no mesmo (SOUZA, 1937, p. 197).

Índice	Pags
- Introdução (motivação geral).....	7
- A carta: Algarismos. Números simples e compostos.....	11
- O carteiro: n ^o s pares e ímpares. Divisibilidade por 2.....	12

- Construção da casa: linhas perpendiculares – ângulos retos; linhas oblíquas – ângulos agudos e obtusos..... 16
- Construção da igreja: pirâmide – quadrado e triângulo – prisma quadrangular – retângulo; prisma triangular..... 21

Podemos observar que o Item 1 é a Introdução (motivação geral), o qual já citamos, um texto chamado “Crianças de Minha Terra”.

O Item 2, é chamado “A Carta” e, pelo que observamos vai trabalhar “algarismos – Números Simples e compostos”. Ele é assim apresentado: após o texto introdutório que já citamos e o texto “Meu Sócio”, a autora já apresenta o carteiro, discorrendo sobre o trabalho dele: “Aqui está o carteiro! Ele entregará a cartinha que você vai escrever à Tia Alfredina. O carteiro lê os endereços. As palavras são escritas com uns sinaisinhos chamados **letras**. Os números são escritos com uns sinaisinhos chamados **algarismos**” (SOUZA, 1937, p.11).

E aí a autora começa todo um trabalho com os algarismos indo-arábicos, definindo números simples e compostos, explicando para os leitores como funciona a numeração das casas nas ruas, definindo números pares e ímpares e, utilizando-se dessa conceituação de pares e ímpares, já introduz o conceito de múltiplos e divisores, relativamente ao número 2.

Observemos que ela vai procurando envolver o aluno no conteúdo através de uma narrativa:

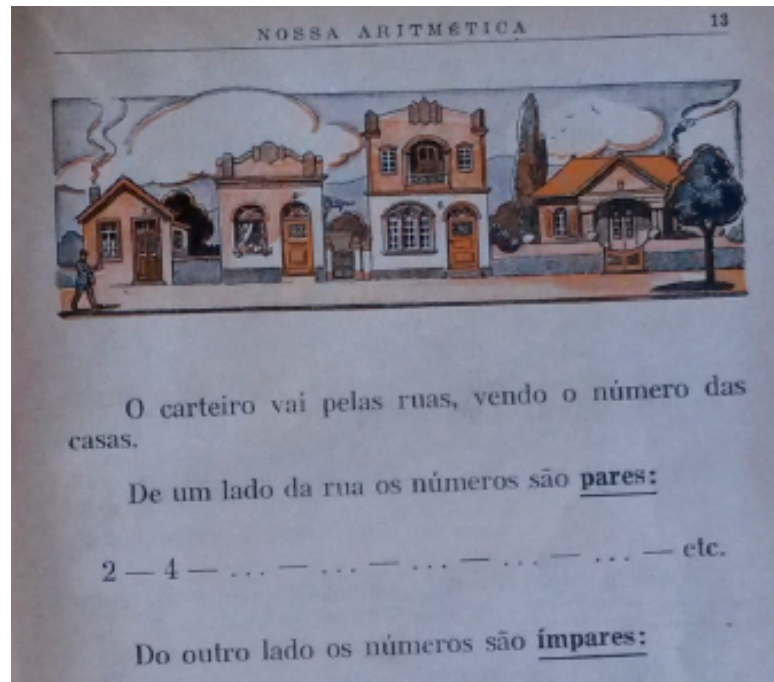


Fig. 4

(SOUZA, 1937, p.13)

Gostaria de, nesse ponto chamar a atenção para a maneira como o índice está disposto e como os assuntos estão sendo trabalhados. A “chamada” para cada item já é uma “ação”. No item 1, “A carta” ela se relaciona com o envio da carta pelo aluno que já é uma ação do aluno e a autora já aproveita dessa ação para introduzir o assunto que irá trabalhar, no caso os números simples e compostos, com o trabalho do carteiro. Exige sempre uma “ação do aluno” e, aí, lembremo-nos das palavras de Lourenço Filho que citamos onde o mesmo, ao discorrer sobre o Movimento da Escola Nova, enfatiza a ação: *O próprio pensamento para essa escola é ação; Daí, como consequência, não se pretender ensinar mais tão somente pela ação das coisas, mas pela ação do indivíduo.*

Podemos localizar no trabalho da professora Alfredina o conceito de Apropriação do historiador Roger Chartier³, na medida em que ela, como acima citamos, traz a pedagogia para sua produção. Almeida (2013) vai nos falar que Alfredina ao ingressar no Instituto de Educação do Rio de Janeiro trazia uma trajetória profissional “permeada

³ Roger Chartier(1991) vai falar na construção de sentidos, do “mundo do texto” e do “mundo do leitor”; em hipóteses que orientam a pesquisa, uma delas “sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades”. Outra “considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes) (CHARTIER, 1991, p.178).

permeada pelo ideário escolanovista que circulava na década de 1920 e se acentua na década seguinte” (ALMEIDA, 2013, p.45).

Aqui, vale também trazer uma fala de Valente (2014), quando ele discorre sobre os anos iniciais escolares, relativamente aos programas de ensino:

Esses textos oficiais, dentre outras coisas, condensam pedagogias e conteúdos de ensino, de forma a prescrever a matemática escolar. Os programas de ensino são ingrediente da *cultura escolar* (âmbito das normas e práticas) desde a criação da escola de primeiras letras no Brasil (VALENTE et al, 2014, p.192).

Podemos entender que o índice que estamos analisando é baseado no Programa vigente e, por isso também carrega uma pedagogia em seu bojo.

Na página 16, a autora introduz um conceito que hoje chamamos de “planificação de sólidos”. Inicia com uma narrativa, chamando os alunos para a atividade:

Ai estão dos sobrinhos da Tia Alfredina, fazendo casas de brinquedo. Você também sabe fazer uma casa de cartolina? Se quiser combinar com seus colegas poderão até fazer uma cidade. Uns meninos farão casas de residência, outros farão edifícios mais importantes como: Escola, Igreja, Câmara Municipal, Estação da Estrada de Ferro, Hospital, Quartel, etc. Poderão fazer também lojas, padarias, armazéns, uma porção de prédios parecidos com os que existem perto da casa em que você mora. (SOUZA, 1937, p.16)

A seguir ela orienta os alunos sobre como realizar a atividade:

Risque numa folha de cartolina uma figura semelhante à que está na página seguinte, tomando sempre medidas 3 ou 4 vezes maiores. Para medir apanhe uma tira de papel em branco, marque a distância do desenho e depois aumente para 3 ou 4 vezes mais. (SOUZA, 1937, p.11)

Novamente, chama o aluno para a ação.

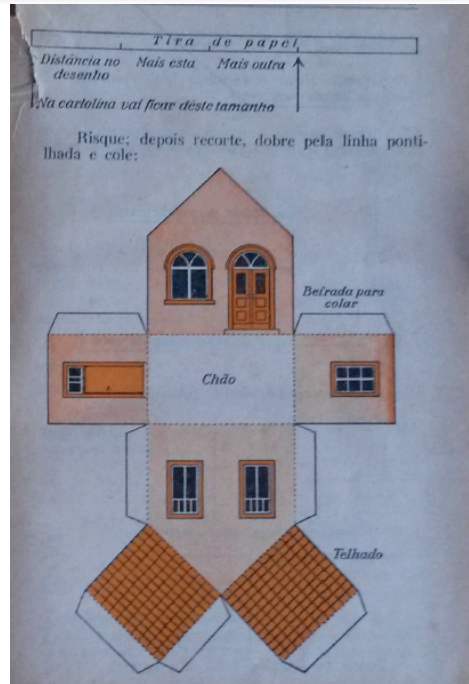


Fig. 5

 (SOUZA, 1937, p.17)

Achamos interessante a maneira como a autora introduz um assunto novo, fazendo ligação com o que estava trabalhando. Na página 18, observamos a seguinte frase: “quando riscar a cartolina tenha cuidado para fazer as **linhas bem retas**” (p.18). Por que o grifo da autora? A nosso ver, porque logo em seguida, introduz o conceito de “linhas perpendiculares”, “ângulo reto”, “linhas oblíquas” e “ângulos obtusos” e “ângulos agudos”, na página 19. Tudo isso em continuação à atividade que havia proposto de construção de prédios em cartolina.

4. Considerações finais

O espaço desse texto não nos é suficiente para aprofundarmos a análise da obra de Alfredina, tal como gostaríamos. Era nossa intenção analisar o livro dela comparativamente com uma obra atual objetivando captar outros pontos de vista sobre o mesmo. Entretanto, penso que atingimos nosso objetivo que era o de trazer à tona a biografia da professora Alfredina e, ao mesmo tempo dar luz a uma de suas obras, mostrando alguns pontos da mesma, procurando dar destaque à pedagogia que o livro carrega e a maneira diferenciada pela qual a autora procurou apresentar os conteúdos aos alunos e leitores. Um novo texto, um novo olhar poderá analisar o livro com uma riqueza maior de detalhes e dar luz a outros pontos de vista não observados nesse texto.

5. Referências

ALMEIDA, D.H.de. A Matemática na formação do professor primário nos Institutos de Educação de São Paulo e Rio de Janeiro (1932-1938). 2013.105f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência). UNIFESP. São Paulo.

CARVALHO, MARTA MARIA CHAGAS DE. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 111-120, Mar. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 05 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000100013>.

CHARTIER, R. O mundo como representação. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, 11(5), p. 173-191, 1991.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 549-566, set.-dez. 2004.

PINTO, K.P. Por uma nova cultura pedagógica: Prática de ensino como eixo da formação de professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1937). 2006. 390f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SOUZA, A.P, de. Nossa Aritmética. Livraria do Globo. Porto Alegre, 1937.

VALENTE, W.R et all. Os Saberes Elementares Matemáticos e os Programas de Ensino, São Paulo (1894-1950). In: COSTA, D.A, da & VALENTE, W.R. (Organizadores) Saberes matemáticos no curso primário: o que, como e por que ensinar? São Paulo. LF Editorial. 2014.cap. 9, p. 191-231.